

REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA E A HIGIENE DOS CORPOS (1932-1945)

Dr. Edivaldo Góis Junior

Universidade Estadual de Campinas

Campinas, Brasil

edivaldo.gois@pq.cnpq.br

Recebido em 23 de fevereiro de 2013

Aprovado em 22 de abril de 2013

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender o discurso sobre educação do corpo e higiene presente no periódico “Educação Physica”. Para isto foi feita uma pesquisa histórica que teve como fonte as publicações da revista estudada. Concluiu que no período, a revista colaborou para a propagação de hábitos de higiene e de asseio corporal, bem como, para a consolidação de uma mentalidade cada vez mais presente no país desde o século XIX: a preocupação com a saúde e a educação dos corpos.

Palavras-chave: História; Educação Física; Saúde.

Abstract

The *Educação Physica* Journal and bodily hygiene (1932-1945)

The objective of this study was to understand the discourse on the body and hygiene education in this journal "Educação Physica". For this was made a historical research that had as source the publications of the journal studied. It's concluded that in the period, the journal contributed for the propagation of hygiene and cleanliness of body, and for consolidation of a mentality increasingly present in the country since the 19th century: a concern for the health and education of the bodies.

Keywords: History; Physical Education; Health.

Introdução

À medida que estudamos a Revista EDUCAÇÃO PHYSICA (1932-1945), percebemos que vários e divergentes poderiam ser os enfoques dados a este estudo.

Mas o que se tornou relevante para nós foi o relacionamento da revista com a sociedade

e a cultura da época. A partir deste ponto, pretendemos construir uma história da revista relatando sobre seus objetivos e ideais. Pretendemos discutir questões que reflitam o espírito da revista, como a colaboração em um projeto de formação do brasileiro, que destacava a inculcação de hábitos higiênicos e cuidados com o corpo para o aprimoramento da saúde individual e coletiva da população. Enfim, nosso objetivo foi compreender o discurso sobre educação do corpo e higiene presente no periódico. Ao realizar esta operação, Gramsci (1978, p.13) diz que devemos ter “... a consciência da nossa historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções.” Compreendendo a revista dentro de sua historicidade, descrevendo-a como fragmento de uma mentalidade que idealizava uma sociedade saudável, pautada pelos princípios de uma cultura física onde a educação dos corpos era também uma educação moral.

Para isto, analisamos os artigos e o editorial da revista *EDUCAÇÃO PHYSICA* - num total de oitenta e oito (88) exemplares, bem como a historiografia da Educação e da Educação Física sobre o período.

Da revista

Educação Física, realizando, sem desfalecimento [...], o seu programa de trabalho inspirado no mais sadio patriotismo [...], pugnando pela educação de seu povo e a educação de sua raça (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 42, 1940, p.7).

A revista *EDUCAÇÃO PHYSICA* foi um dos principais veículos de divulgação da Educação Física no Brasil no período entre 1932 e 1945. Foram publicados oitenta e oito exemplares em treze anos de existência. Em quase todos eles os objetivos e os ideais da revista foram expressos da seguinte maneira:

Revista Technica que visa apoiar a causa da educação physica: Vulgarizando os principios scientificos que servem de base á educação physica; favorecendo o surto dos esportes, como factor de aperfeiçoamento da raça; incentivando a formação de technicos especialistas; propagando os fins moraes e sociaes das actividades physicas; despertando a atenção publica para este aspecto do problema educativo; coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programmas de educação physica (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 2, 1932, p. 3).

Em torno destes ideais se formou um grupo liderado por Oswaldo Rezende e Paulo Lotufo, administradores da revista em um longo período - aproximadamente entre 1932 e 1940. Este grupo contava com a colaboração ainda de Américo Netto, professor da Escola de Educação Física do Governo do Estado de São Paulo; de Henry Sims, diretor da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro; Fred Brow, técnico da Confederação Brasileira de Desportos; Georges Summers, da Associação Cristã de Moços da América do Sul. Paulo Lotufo sai da direção da revista em meados dos anos 1940, permanecendo na direção Oswaldo Murgel Rezende até a publicação do último número. Este grupo elevou a revista a um patamar que a levaria a ser colocada como um dos principais veículos de divulgação da Educação Física no Brasil (SCHNEIDER, 2010).

Durante esses treze anos a revista foi financiada por uma editora particular: a Companhia Brasil Editora. Mas a divulgação da revista não ocorreu sem dificuldades, como revela a avaliação contida em um de seus primeiros números:

As difficuldades naturaes que sobreveem no inicio de qualquer emprehendimento, não permittiram realizarmos exactamente o que esperavamos. Mas vamos perserverar. [...], necessitamos empregar para levar adiante nossa idéa (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.5, 1935, p.11).

Ainda assim, conforme a passagem citada acima, as pessoas que estão dirigindo a revista persistem em sua publicação, em defesa da “*causa*” da Educação Física.

Com o passar dos anos, porém, estas dificuldades foram superadas, com o aumento da tiragem e de sua periodicidade, ampliando a sua divulgação e o seu público. Um ou dois anos após a publicação do primeiro número, a revista começou a ter representantes em vários estados brasileiros e, alguns anos mais tarde, na maioria dos países da América do Sul, chegando, inclusive, por volta de 1938, a ter representantes na Europa. As suas páginas foram recheadas de anúncios de bancos, de escolas e de indústrias, angariando fundos para a continuidade de sua publicação. Em um de seus números podemos encontrar uma avaliação positiva em relação a essa expansão da revista e as suas tentativas de atender a demanda de seu público, buscando inclusive matérias no exterior, se esmerando na sua tradução e divulgação em suas páginas.

Escreve um de seus colaboradores:

Mantivemos relações com os principais centros de cultura especializada no mundo, estabelecendo um intercâmbio constante com todos os países da América, publicando os melhores trabalhos de seus educadores, [...], atendemos com solicitude a milhares de consultas que nos fizeram não só do interior do país como do estrangeiro... (LOYOLA, 1942, p.11).

O público da revista a que nos referimos acima, em sua maioria, eram de instrutores de Educação Física e leigos. Em geral eram amantes da prática da atividade física e do esporte. Ela pretendia orientá-los, cumprindo assim parcialmente os objetivos propostos - que apresentamos anteriormente. Além desses objetivos, de ordem mais geral, ou seja, o da ampla divulgação da Educação Física, aparecem outros objetivos mais específicos, quais sejam: o da divulgação de um ideal de Educação Física como meio de difusão dos hábitos de higiene, do aprimoramento da saúde individual e, conseqüentemente, do aperfeiçoamento racial da população brasileira. Um ideal que

pretendia inculcar nos instrutores de Educação Física, especificamente, um modelo de educação do corpo que desenvolvesse uma concepção que prima pela “*educação integral*” das crianças e dos jovens.

Isto pode ser verificado num dos editoriais publicados pela revista que, no nosso modo de ver, sintetiza parte de suas aspirações. Ele diz o seguinte: “...devemos orientar a educação integral, esse ideal tão sadio ao qual está ligado o futuro da raça” (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.15, 1938, p.1).

Apoiada nesta representação, procurou mostrar claramente que sem a Educação Física o Brasil não alcançaria um patamar de grande desenvolvimento. Em seus termos: “Sómente os povos decadentes e mal orientados relegam para o plano secundario a educação physica.” (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.4, 1934, p.9). Procurava, desse modo, convencer seus leitores sobre a importância da Educação Física, fundada nesta concepção, inclusive, para o desenvolvimento nacional.

Boa parte dos editoriais reforça isto, tentando legitimar a importância da Educação Física para a sociedade brasileira. Procuram, assim, mostrar a sua necessidade e relevância, com os seguintes argumentos:

Só são realmente fortes, os países de população forte e, para que se robusteçam os naturais de um Estado, é imprescindível a cultura física, [...]. Serão nucleos (clubes) nos quais se robustecerão os nossos patrícios [...], para a grandeza de nossa pátria (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 30, 1939, p.5).

Traçamos, desse modo, um quadro geral dos objetivos gerais e específicos da revista, expressos principalmente a partir da investigação de seus editoriais. Abordaremos, neste momento, as preocupações da revista com a difusão de hábitos de higiene.

A revista e a questão dos hábitos higiênicos

A questão da higiene foi abordada pela revista numa coluna específica, denominada de “*Hygiene*”, mostrando que, inclusive em sua organização interna, esta é fundamental para o esboço de uma concepção de Educação Física na época. Esta coluna se ocupou de aglutinar uma série de artigos a respeito da divulgação de hábitos higiênicos e de cuidados com o corpo, procurando estabelecer a educação higiênica como um dos pilares da Educação Física. O seu objetivo, com isto, era o de aprimorar a saúde individual e coletiva da população, seja instruindo-a diretamente, ou seja por intermédio dos instrutores de Educação Física - um dos públicos alvos da revista, como vimos anteriormente.

Entre os hábitos de higiene e cuidados com o corpo divulgados por essa coluna podemos encontrar algumas orientações sobre o como deveria ser a alimentação, o asseio corporal e a prática de exercícios físicos. Não pretendemos aqui descrevê-los, mas apenas apresentar dados empíricos que revelam uma preocupação com cada uma dessas orientações.

Em relação à alimentação, um dos artigos dessa coluna, após mostrar como deveria ser a escolha dos alimentos, anuncia: “sem nutrição não póde haver vida. Della depende o crescimento e desenvolvimento do corpo.” (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.16, 1938, p.65.). No que diz respeito aos cuidados com o corpo, os exercícios físicos são elementos impreteríveis para o alcance de uma saúde coletiva e individual. Nos termos do periódico, sua prática garantiria saúde ao organismo e beleza física:

A gymnastica, por exemplo, abrange marchas, corridas, exercicios calisthenicos, [...] exercicios propriamente higienicos que têm por fim fortalecer e desenvolver os órgãos vitaes (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.19, 1938, p.9).

Com isso, essa coluna pretendia provar a importância da prática do exercício físico, como um dos elementos de propagação da saúde física. Até mesmo, ainda dentro dos cuidados com o asseio corporal, prescreve como deve ser o banho, como mostra outro artigo:

O asseio nos preserva das indisposições e das doenças; ele é para o corpo o que ‘a decência é para os costumes’. [...]. O Banho saudavel, por excelência é o frio, de chuveiro, precedido de uma boa ensaboagem e tomado pela manhã (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 61, 1942, p.26.).

Sendo assim, a revista não poupa linhas de exaltação à educação higiênica de nosso povo, uma condição almejada desde o séc. XIX e que, agora, encontraria um veículo para se difundir.

“A educação physica é um meio eficaz de propagar a hygiene e alcançar a saúde.” (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 19, 1938, p.9.) Esta é a frase que sintetiza os objetivos desta coluna. Além de se preocupar com o aprimoramento da saúde, ela ainda, procura veicular padrões de beleza física. Ela enfatiza que: “A belleza, em seu mais amplo sentido, não se limita aos simples traços do rosto, preconceito ainda em voga. É, sim o desenvolvimento completo do sêr inteiro, a harmonia das proporções” (EDUCAÇÃO PHYSICA n.15, 1938, p.1).

Reforçando estas considerações sobre a beleza física, ela divulga em suas páginas a exposição de uma série de fotografias, mostrando corpos em trajes de banho ou de ginástica, modelados pelos exercícios físicos. Um incentivo para que surgissem novos praticantes de atividade física, motivados pelo padrão de beleza corporal por ela difundido.

Só que estes modelos corporais, aos nossos olhos, contemporâneos do moderno culto ao corpo, podem parecer dotados de uma rigidez, uma falta de sensualidade. Mas

num momento onde a maioria da população ainda mantinha-se reservada em relação a certos trajes e a exposição dos corpos *seminus*, a divulgação dessas fotografias é um meio de fazê-las perceber o corpo de um modo diferente. A revista parece, assim, querer influenciar os seus leitores em relação ao vestuário, mostrando seus modelos em roupas mais confortáveis, e incentivando-os a uma maior exposição de seus corpos. Esta nova representação do corpo que a revista veicula, mostra o que talvez seja o início da inculcação de uma relação das pessoas com o próprio corpo, onde sua nudez e sensualidade começaram a ser assumidas, em nome da saúde individual e da beleza física. Quais os motivos desta preocupação com a saúde e com a beleza física expressa nas colunas e nas imagens da revista *EDUCAÇÃO PHYSICA*?

Podemos dizer que as preocupações com a saúde e com a higiene, durante esse mesmo período (1932-1945) em que foi publicada a revista, também estavam presentes na Europa. Na realidade, tais preocupações começam a aparecer um pouco antes nos países desse continente, mais especificamente na virada do século XIX para o século XX. Segundo Mary Lucy Del Priore (1994), com a ascensão da burguesia o vigor saudável passou a ser valorizado, o corpo ficou mais aparente, “a pureza da pele, a disciplina da lavagem teriam suas correspondências psicológicas alcançando um resultado fisicamente invisível, mas moralmente eficaz” (DEL PRIORE, 1994, p.52.). Desse modo, além de assegurar a manutenção da ordem social vigente, a difusão desses hábitos de higiene, promoveram um efeito moral e psicológico sobre boa parte da população.

Tais efeitos dizem respeito não só as mudanças de hábitos em relação à higiene e ao asseio corporal, mas também em relação ao vestuário. Na verdade, há uma mudança geral na própria maneira como as pessoas se relacionam com o seu próprio corpo,

colocando o seu cultivo como o centro de toda a vida pública e privada, tal como mostra Antoine Prost (2009), referindo-se às décadas de trinta e de quarenta na França. Segundo esse historiador, as roupas usadas pelas pessoas a partir desse período teriam se tornado mais confortáveis, expondo mais o corpo, desenvolvendo o que denomina de “moderno culto ao corpo”.

Este processo que ocorre em outros países a que se referem esses historiadores, também ocorreu aqui no Brasil durante o período em que a revista é publicada. A higiene do povo tornava-se importante nesse momento, pois o Brasil vivia um processo de industrialização e de urbanização dos grandes centros que começou a ocorrer, com maior ênfase, no início deste século. A população não estava mais isolada no campo, a partir desse momento, começam a migrar para as cidades, em busca de melhores oportunidades e de ascensão social. Para uma convivência possível entre os indivíduos em um ambiente saudável eram elaboradas novas normas higiênicas. Segundo Pague (1997, p.68) houve no início do século XX “uma maior disseminação de alguns hábitos e práticas visando à prevenção de doenças, a higiene e o asseio pessoais.” Essas discussões ganharam espaço na imprensa da época, passando a serem muito debatidas. Questões que eram alicerces de um projeto de desenvolvimento do país, em suas condições econômicas, culturais.

A grande meta desse projeto era disseminar, juntamente com a educação formal, esses hábitos e cuidados com o corpo. Isto começa a ser concretizado no Brasil quando a educação formal se institucionaliza na escola, especialmente das escolas públicas. Este processo no Brasil é lento, primeiramente atinge as classes mais privilegiadas. Mas para que este projeto realmente tivesse êxito, era preciso a democratização da Escola, para que assim, estes hábitos e cuidados atingissem a toda a população. Havia o intuito

de alterar a cultura da população, o que se iniciava na higiene e no aperfeiçoamento do corpo.

Com a educação dos corpos, objetivava-se evidenciar novas sensibilidades. Contudo sem dar vazão àquilo que a moral da época considerava reprovável: a promiscuidade, a liberação plena dos desejos e das paixões. Aliás, esta moral já estava inteiramente internalizada pelas pessoas, permitiu uma relação mais próxima com o corpo e a sua exposição pública.

Um dos meios de expressar esta internalização da moral, do autocontrole das emoções, durante esse período, foram as práticas corporais. Foram estes preceitos e imagens difundidos pelos higienistas e médicos, em veículos como esta revista que colaboraram na difusão desses hábitos e cuidados, educando a população e modificando os costumes populares em relação à saúde, à higiene e ao asseio corporal.

Há entre as questões abordadas pela revista uma nítida preocupação com a formação moral da juventude. Nesse sentido, a revista estabelece uma série de modelos de conduta a serem seguidos pelos seus leitores e pela juventude em geral. Esses "exemplos a sociedade" ocuparam algumas páginas da revista, como o do "verdadeiro esportista". Ele, segundo a revista (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n.2, 1932, p.12.) deveria obedecer às ordens de seu mestre, não deveria ser desobediente, nem faltoso ao cumprimento de seu dever, não deveria fazer coisa alguma que fosse indigna de um cavalheiro e um verdadeiro cidadão. A disciplina torna-se uma das maiores virtudes do esportista, exemplo a ser seguido pela sociedade em geral, que deveria, acima de tudo, respeitar as autoridades. O esportista também deveria ser o cavalheiro, análogo a um "gentleman".

A revista também se preocupava com a formação de uma elite que liderasse essa “nova” condição de um país em fase de industrialização. No artigo “Características de um verdadeiro leader” (EDUCAÇÃO PHYSICA, n.7, 1936, p.44), o líder que “pode disciplinar os outros”, são os homens que poderão dar ordens, comandando outros, mas deve “ter moralidade”, finalizando o verdadeiro líder nunca deveria trair, deveria ser altruísta e “leal a sua instituição e seu grupo”.

Estes são alguns fragmentos em relação à formação moral difundidas pela revista. Além destas, há ainda alguns apontamentos no sentido de instruir as pessoas que se dedicam a prática dos exercícios físicos e dos esportes não deixarem de lado sua formação intelectual. Isto pode ser verificado num artigo, onde se traça um modelo do que seria o “homem educado”. Em seus termos:

O homem educado está familiarizado com os magnos recursos que lhe oferecem a recreação do intellecto e a esthetica. Sobre a natureza, a literatura, a musica e as outras artes sabe o bastante para em tempo oportuno escolher com aceito entre uma divisão elevada e outra vulgar (EDUCAÇÃO PHYSICA , n.7, 1936, p.65).

A revista, por essas indicações e apontamentos, pretendeu, além de difundir hábitos higiênicos e cuidados com o corpo, prescreveu valores morais de incentivar à educação integral. Na verdade, procurava entender a Educação Física, como parte deste processo.

Considerações Finais

A revista tentou evidenciar de todas as formas que a Educação Física era imprescindível para o desenvolvimento educacional da juventude. Fica clara a intencionalidade de valorização da atividade física, para que esta fosse mais difundida na sociedade brasileira.

A Educação Física, que foi uma das faces de um projeto de educação da população, pretendia inculcar hábitos higiênicos e cuidados com o corpo que começavam a ser mais difundidos neste período. Esses hábitos deveriam atingir a maioria da população, aprimorando a saúde e promovendo uma regeneração do povo em nosso país, elemento considerado impreterível para a formação de uma “cultura brasileira”.

O brasileiro deveria criar um sentimento de unificação e identificação nacional. Para Alcir Lenharo (1986) a discussão sobre este problema brasileiro e sobre a sua solução “eram meios de uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do patrimônio hereditário” (p.79).

Estas novas dimensões políticas e culturais deveriam atingir parcelas mais amplas da sociedade. Paulatinamente mudaram-se hábitos de higiene e de asseio corporal durante a vigência da revista. Não que ela fosse a responsável por isso, mas sim, um dos fragmentos de uma mentalidade cada vez mais presente no país desde o século XIX: a preocupação com a saúde e a educação dos corpos. Na França, Prost (2009) argumenta que tais mudanças contaram mais com a colaboração dos comerciantes do que a dos higienistas. Seria diferente no Brasil?

Referências

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus, 1986.

LOYOLA, Hollanda. Estamos em Festa. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n.64, 1942, p.11.

PAGNI, Pedro Ângelo. A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): Cuidados com o corpo, Educação Física e formação moral. In: FERREIRA, NETO, A. *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vitória: UFES, 1997. p. 59-82.

DEL PRIORE, Mary Lucy. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. *Revista Usp*, n. 23, p. 49-55, set./nov. 1994.

PROST, Antoine. As novas fronteiras do espaço privado. In: _____.; VICENT, G. A. *História da vida Privada*. v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-136, 2009.

SCHNEIDER, Omar. *Educação Physica: a arqueologia de um impresso*. Vitória: EDUFES, 2010.

Fontes

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 2, 1932.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 2, 1932.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 4, 1934.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 5, 1935.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 7, 1936.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 7, 1936.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 15, 1938.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 16, 1938.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 19, 1938.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 30, 1939.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 42, 1940.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, Cia. Brasil Editora, n. 61, 1942.